

Jornalismo Opinativo: Uma Análise dos Gêneros Opinativos no Jornal Folha de São Paulo¹

Julia BARICHELO²

Rebecca MISTURA³

Sônia BERTOL⁴

Wagner BERTONCELLO⁵

Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

RESUMO

A cobertura jornalística exerce um papel fundamental em nossa sociedade e segue critérios analisados por inúmeros estudiosos da área da Ciência da Comunicação, mas que apesar das divergências, fundamentalmente possuem a mesma finalidade de identificar diferenças no fazer jornalístico e entender a função que essas distinções geram e ocupam nos canais.

No presente artigo, ao analisar a veiculação da categoria jornalística definida como jornalismo opinativo e suas divisões de gênero, no jornal “Folha de São Paulo”, em duas edições sequenciais, buscamos entender e refletir sobre o espaço dado à categoria a fim de compreender a orientação do jornal a partir disso.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; gênero; jornalismo opinativo; gênero opinativo.

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo atende à necessidade da informação inerente ao homem enquanto ser social, que ao longo do tempo sempre teve interesse e vontade em saber o que se passa. Desde as primeiras manifestações do jornalismo, ainda nos séculos XV e XVI, por meio dos avisos e gazetas, a tentativa era de suprir - mesmo que escassamente - essa ânsia da

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo da FAC-UPF, email: juliabarichello58@gmail.com

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo da FAC-UPF, email: 169359@upf.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, e-mail: sobertol@upf.br

⁵ Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo da FAC-UPF, email: wagnercallegari@upf.br

informação a respeito dos habitantes das cidades, súditos e governantes. O cidadão, como participante do cotidiano da vida urbana, busca conhecer o seu grupo, para que possa moldar e construir sua própria vivência, além de buscar meios de atender aos seus interesses individuais.

No Brasil, por volta de setembro de 1821, D. Pedro I introduz a primeira lei de imprensa portuguesa, instituindo a liberdade de imprensa no país. Em um Aviso, o príncipe regente expressou: “que não embarace por pretexto algum a impressão que se quiser fazer de qualquer texto escrito”. Fica clara a natureza política do Jornalismo, que o autor José Marques de Melo situa em dois níveis: as publicações clandestinas, manuscritas, ou até mesmo impressas, que circulam à margem do aparelho censório; e as publicações oficiais (a exemplo da Imprensa Régia, em 1808, em que foi publicado o primeiro jornal do Brasil colônia - a Gazeta do Rio de Janeiro), com “matérias” delimitadas a expandir os interesses da Família de Bragança e enaltecer a família real portuguesa. Com o fim da censura prévia, o Jornalismo passa a assumir sua identidade - a de uma atividade comprometida com o exercício do poder político, com a difusão de ideias, combativo de princípios e defensor de pontos de vista. Desse modo, ainda conforme Marques de Melo, o Jornalismo se caracteriza, no seu início, pela expressão de opiniões - opinativo -, e não hegemonicamente pela informação - informativo -, como perceberemos mais tarde.

Os poderosos da época, ao perceber que o jornalismo se torna, então, uma atividade em que todos poderiam ser passíveis de críticas, denúncias e ataques, procuram maneiras de cercear a expressão opinativa, decretando limites à liberdade de imprensa e, mais tarde, instituindo ferramentas de censura. Dessa forma, o jornalismo informativo, em detrimento do opinativo, começa a ganhar espaço e torna-se dominante a partir do século XIX, quando a imprensa norte-americana passa a tratar a informação como mercadoria. Fica evidente, a partir de então, a redução do jornalismo opinativo, que começa a ocupar espaços menores e exclusivamente destinados a ele, bem como passa a se dividir em gêneros – os quais analisaremos no decorrer do artigo, juntamente a duas edições sequenciais do jornal Folha de São Paulo, na tentativa de ilustrar que espaço o jornalismo opinativo ocupa no jornal de maior circulação no Brasil (de acordo com a Folha e São Paulo, a partir de números auditados pelo Instituto Verificador de Circulação – IVC, em novembro de 2017) e o que pode-se inferir do veículo a partir disso.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente artigo traz como principal fundamentação teórica – que dividimos em dois momentos – a obra “Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro” do jornalista e autor José Marques de Melo, que propõe em sua obra primeiramente uma classificação do jornalismo, categorizando-o em dois segmentos. O autor estabelece uma discussão sobre a natureza das duas categorias jornalísticas definidas historicamente: o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo, sendo este segundo o foco do presente artigo. Ele ressalta, no entanto, que

admitir a convivência de categorias que correspondem a modalidades de relatos dos fatos e das ideias no espaço jornalístico não significa absolutamente desconhecer que o jornalismo continua a ser um processo social dotado de profundas implicações políticas, onde a expressão ideológica assume caráter determinante. (MELO, 2003, p. 25).

Quer dizer, independentemente da categoria em que se inserir o fazer jornalístico, essa divisão não é decisiva, uma vez que o jornalismo informativo pode vir a ter elementos do jornalismo opinativo e vice-versa. Mas por que essa diferenciação? Marques de Melo aponta que a distinção surge da “necessidade sociopolítica de distinguir os fatos das suas versões” (MELO, 2003, p.42), já que as versões dos fatos, por sua vez, conteriam opiniões explícitas. Segundamente, o autor propõe uma análise integral dos gêneros jornalísticos opinativos: editoriais, artigo, artigos, carta do leitor, colunas, comentário, caricatura, crítica e crônica, nas suas mais diversas variações. No estudo, Marques de Melo busca identificar qual função cada gênero executa - e vale ressaltar que a investigação é focada no formato impresso. Por fim, aplicamos também os conceitos do artigo “Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório”, dos autores José Marques de Melo e Francisco de Assis, publicado na Revista Brasileira de Ciência da Comunicação, que identifica gêneros como um sistema de organização motor da indústria jornalística, bem como salienta o papel funcional de cada um deles. Por meio das definições e aprofundamentos propostos pelos autores, cabe a nós entendê-los dentro do objeto de análise, no caso deste artigo, as edições no 25.336 de 21 de novembro de 2018 e no 25.337 de 22 de novembro de 2018, do jornal Folha de São Paulo.

3. ANÁLISE

Iniciamos a análise tentando compreender os motivos que levam a Folha de São Paulo a dedicar parte significativa do jornal aos gêneros opinativos – na edição do dia 21 de novembro, de um total de 50 páginas que a compõe, 12 páginas (24%) contam com algum texto categorizado como jornalismo opinativo; na edição do dia 22 de novembro, de um total de 67 páginas de conteúdo, são contabilizadas 16 páginas (23,8%). Marques de Melo explica os motivos da inserção dos gêneros opinativos no formato impresso em dois momentos.

O primeiro seria a intenção dos jornais de quebrar a dominância do jornalismo informativo, que é presente na maioria dos jornais impressos e no jornalismo de um modo geral. Isso aconteceria, pois, conforme o autor, as instituições jornalísticas, inseridas no meio mercadológico, buscam maneiras de dialogar com os mais diversos setores, resultando, conseqüentemente, em um público leitor abrangente e diverso, que busca respaldo nas suas mais diferentes perspectivas e visões, bem como procura um norte para melhor interpretar as notícias e compreender os acontecimentos, e destaca-se aqui o gênero comentário, sendo, inclusive, o segundo que mais aparece em ambas as edições analisadas, num total de onze vezes (5 na edição mais antiga; 6 na mais recente). Em concordância com as observações e considerando que, ao falar da Folha, falamos do jornal de maior circulação no Brasil, fica claro que o jornalismo praticado pelo veículo não poderia limitar-se ao jornalismo informativo, e é possível especular que, talvez, tenha chegado ao patamar atual justamente por atribuir tal espaço aos gêneros opinativos – mas é evidente que esse não seria o único fator.

O segundo fator seria criar um clima de cordialidade entre patrões e empregados, diminuindo as tensões comuns às relações assalariadas. Assim, embora não seja possível falar exatamente em pluralidade de ideias, tendo em vista que todo veículo jornalístico possui uma linha editorial e prioriza certas informações de acordo com o seu fluxo noticioso, é possível notar a valorização dada aos gêneros opinativos, especialmente na Folha, que comumente apresenta todos ou quase todos em uma única edição. Essa valorização dos gêneros opinativos se dá em quatro núcleos, apontados por Marques de Melo, que conseguem cobrir todos os setores envolvidos com o jornal, direta ou indiretamente:

- a. A empresa, por meio do editorial e da própria seleção de informações;
- b. O jornalista, por meio do comentário, resenha, coluna, crônica e caricatura;

- c. O colaborador, expressando-se sob forma de artigos;
- d. O leitor, através do gênero carta.

Seguindo o esquema da tabela, podemos observar a quantidade de vezes que cada um dos gêneros opinativos aparece nas duas edições analisadas da Folha de São Paulo.

Folha de São Paulo – no 25.336 de 21 de novembro de 2018		Folha de São Paulo – no 25.337 de 22 de novembro de 2018	
GÊNERO	QUANTIDADE	GÊNERO	QUANTIDADE
EDITORIAIS	05	EDITORIAIS	05
ARTIGOS	02	ARTIGOS	02
CARTA DO LEITOR	16	CARTA DO LEITOR	17
COLUNAS	02	COLUNAS	02
COMENTÁRIOS	05	COMENTÁRIOS	06
CARICATURAS	07	CARICATURAS	08
CRÍTICAS	02	CRÍTICAS	02
CRÔNICAS	00	CRÔNICAS	01

A partir dos números apresentados, a análise a seguir apresenta dois objetivos. O primeiro é de exemplificar e verificar se os gêneros cumprem as funções que lhes são atribuídas no veículo - funções estas que são fatores determinantes para definir cada gênero - conforme argumentam Marques de Melo e Francisco de Assis, é possível observar também que, a modo dos gêneros editorial, artigo e comentário, nem sempre as diferenças estão explícitas, especialmente ao leitor:

O primeiro [editorial] talvez seja o que mais se distancia, pelo fato de não trazer assinatura de um autor, já que registra um posicionamento institucional. Os demais [artigo e comentário] são praticamente idênticos: textos assinados nos quais são expostos pontos de vista acerca de algo. (MELO e ASSIS, 2016, p. 52).

Mas é possível observar as divergências entre eles ao considerar a função que cumprem no jornal, servindo inclusive de orientação ao leitor.

O segundo objetivo é perceber qual espaço é dado pela Folha aos gêneros opinativos, espaço este que varia de instituição para instituição, e “sua amplitude depende sempre da conjuntura política” (MELO, 2003, p.102). O jornalismo no Brasil vive, atualmente, um momento de liberdade de imprensa, o que permite que haja espaço para os gêneros opinativos, mas sabemos que nem sempre foi assim. Em 1968, após a decretação do Ato Institucional nº 5, até mesmo editoriais foram censurados e locais antes destinados aos demais gêneros opinativos, por vezes foram vítimas dos censores - exemplo disso é o caso emblemático do jornal Estado, na edição de 03 de dezembro de 1974, que no lugar do que pode ser considerado um comentário intitulado “Os novos eleitos”, foram inseridos versos do poema “Os Lusíadas”, fato que se repetiu outras centenas de vezes nas edições do jornal ao longo do período da Ditadura Militar. Para destacar a função dos gêneros, trazemos uma breve definição de cada um deles, destacando seus principais pontos e utilizando as edições da Folha como alicerce argumentativo.

1) Editorial

O editorial é usado para manifestar a opinião oficial de uma empresa perante ocorrências de grande repercussão do momento. Entretanto, é necessário esclarecer que não é a ideia dos proprietários que prevalece, mas sim um consenso das posições dos diferentes núcleos que fazem parte da organização da empresa. A Folha de São Paulo adota uma maneira diferente de trazer o gênero. Tradicionalmente, os jornais apresentam somente um editorial, expressando a posição institucional. A Folha, no entanto, publica normalmente cinco editoriais por edição – o primeiro não possui assinatura, cumprindo a função de posicionamento oficial da empresa; os três seguintes, assinados por membros da equipe Folha, também aparecem como editoriais; o quinto texto, por fim, varia entre convidados, escritores regulares e membros da instituição e poderia ser entendido como comentário, devido às suas características, mas o veículo o classifica como editorial. Por exemplo, na edição de 21 de novembro, observamos: no editorial intitulado “Gramma do vizinho”, na página A2, o autor é Fernando Canzian, repórter especial da Folha. Já na edição de 22 de novembro, no editorial intitulado “Chanceler”, quem assina é Matias Spektor, professor e pesquisador que escreve nas quintas-feiras e não possui vínculo direto com o veículo.

Embora nessas questões a Folha difira de outros veículos, a localização do editorial continua categoricamente na segunda página do jornal.

2) Artigo

Artigo é todo o texto publicado na imprensa, porém, para fins jornalísticos, o artigo é definido como uma matéria jornalística em que seu escritor elabora uma ideia e manifesta sua opinião. Segundo Martín Vivaldi (1973, cap. XI, apud Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro, 2003, p. 122), um artigo científico deve conter dois elementos especificamente: atualidade - não importa o tópico tratado pelo escritor, desde que este seja atual, que fale com o momento histórico vivido; e opinião - o ponto de vista do autor deve estar explícito na argumentação, já que os leitores buscam estritamente a visão do articulista. No que diz respeito a esse gênero, a Folha segue um padrão de dois artigos por edição, localizados sempre na terceira página do jornal (A3). A seção intitulada “Tendências/Debates” traz, todos os dias, um determinado assunto, sempre em alta no momento atual. O espaço é destinado a especialistas que problematizam e elucidam questões referentes à temática escolhida pelo veículo. Por exemplo, na edição de 21 de novembro, observamos: o assunto escolhido foi o Programa Mais Médicos; no primeiro artigo, o especialista a trazer dados e articular argumentos foi o ex-ministro da Saúde do governo Dilma, Alexandre Padilha; no segundo, os autores são José Gomes Temporão, também ex-ministro da saúde do governo Lula e Francisco Campos, professor de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Em ambos os textos, os autores deixam claro seu posicionamento em relação ao encerramento do Mais Médicos no Brasil, e utilizam dados e estatísticas para ilustrar suas opiniões, bem como sua experiência enquanto profissionais da área.

3) Carta do Leitor

É o espaço democrático no veículo informativo com o intuito de intervir no debate público e de diminuir a distância entre o jornal e o público. Embora qualquer pessoa possa recorrer ao seu uso, a seção de cartas geralmente é fruto de uma triagem, cujos critérios de seleção dependem da política editorial da empresa. Embora o número de cartas aumente com o tempo, a seção de cartas tem seu espaço reduzido mantido nos jornais impressos. Na Folha, o local destinado às cartas do leitor ocupam o mesmo espaço atribuído à opinião

(páginas A2 e A3) situando-se juntamente aos artigos. Apesar de numerosos (entre 16 e 17 cartas por edição), os textos se limitam a um máximo de 20 linhas, um abaixo do outro e assinados pelos leitores. Ali, a seleção é diversa e traz geralmente opiniões sobre a própria Folha, mas também abrange visões sobre temas atuais. Na edição de 22 de novembro, observamos: o leitor Renaldinho Gehlen comenta que vê a Folha como “extremamente tendenciosa” em relação à cobertura do desenrolar do presidente eleito, em contraponto à carta de William Marques, que acredita que “o jornal deve manter o escrutínio constante do governo”, evidenciando o espaço, mesmo que reduzido, para as divergências de opinião.

4) Coluna

Publicada com regularidade, geralmente é assinada e redigida com estilo livre e pessoal, diferente de outros gêneros. Tem estrutura dinâmica e informações de opinião, cumprindo uma função específica ao jornalismo impresso, vinculada à personalidade de seu redator. Coluna padrão, miscelânea, social, política, editorial, de leitores, são alguns tipos de colunas que podemos encontrar nos jornais, tende a ser persuasiva e caráter informativo, registra o que está acontecendo na sociedade, emitindo juízo de valor com sutileza ou franco. Ao analisar o jornal Folha de S. Paulo, constatamos a existência de um padrão quanto ao número de colunas produzidas diariamente por este impresso. Duas colunas, geralmente assinadas pelo mesmo colunista. Nesta coluna denominada “Painel” (na página A4), e redigida pela jornalista Daniela Lima. Coluna de fácil compreensão, ela se apresenta em todas as edições, sendo habitual ao leitor e com o mesmo estilo de diagramação. A coluna da autora busca trazer novas informações sobre assuntos em alta, por exemplo no subtítulo “Só bola segura”, em que a autora revela que o senador Renan Calheiros “já tem apoio da maioria do MDB, e de alas do PSDB e do centrão”, informações como essa que muitas vezes são furos jornalísticos, atrelados à notoriedade da jornalista responsável pela coluna.

5) Comentário

O comentário tem o trabalho de esclarecer a visão do leitor. Assim, visto que o comentarista tem uma vasta bagagem cultural, é desenvolvida uma explicação que faz com que o leitor se sinta informado e orientado. É possível que o comentarista consiga

compreender e até mesmo prever os desdobramentos dos acontecimentos, mas dificilmente seu comentário é conclusivo. Neste gênero é permitido que o profissional emita suas opiniões pessoais, sem que a empresa em que trabalha seja responsabilizada. O espaço destinado aos comentários no jornal escolhido é amplo, geralmente um por editoria, em que os autores têm liberdade para escrever sobre seus assuntos de maior domínio. Na editoria de cotidiano, por exemplo, no dia 21, “Em Alto e Bom Som” tratou da campanha global contra a violência contra a mulher organizada pela ONU e foi assinada pela empreendedora cívica, mestre em estudos internacionais pela Universidade de Uppsala, Ilona Szabó de Carvalho, e no dia 22, “A Era da Sinalização” tratou da dificuldade de sinalização e comunicação da atualidade e foi assinada pelo escritor e jornalista Sérgio Rodrigues.

6) Caricatura

A Caricatura faz o uso da imagem como instrumento de opinião, influenciando um público maior do que outros gêneros que descrevemos através deste artigo. Cativa o leitor por uma leitura e interpretação rápida ao visualizar um jornal, mesmo assim, traz consigo fortes opiniões emitidas pelo jornal. A opinião é nítida através da caricatura, usando sátira e humor, emitindo juízo de valor. Trata-se de Uma forma de expressão artística – e quase sempre política – através do desenho, sendo identificado em várias formas: caricatura, charge, cartoon e comic. As quatro formas de caricatura estão presentes nas edições analisadas, todas trazendo o teor político de alguma forma. A Folha não segue um padrão fiel em suas edições, mas é possível encontrar o gênero na editoria denominada “Ilustrada” (página C2). Essa editoria traz consigo uma pluralidade de informações, fazendo com que o leitor realize uma interpretação/leitura de forma mais rápida. Ao nos aproximarmos do final desta edição, constatamos também que este gênero jornalístico tende a aparecer mais ao final, por ser algo mais cômico, artístico e de entretenimento, mas ainda assim trazendo consigo um tom crítico em uma editoria mais leve.

7) Crítica

Também chamada “resenha”, é a forma encontrada para apresentar aos consumidores a opinião dos autores sobre os mais variados produtos culturais e obras-de-arte. Mais

precisamente, a resenha é uma atividade jornalística, quase que como um comentário, destinado a orientação do grande público na seleção das atrações circulantes no mercado. O espaço reservado para as resenhas é amplo e avalia os mais diversos tipos de produtos de mídia, por exemplo na edição do dia 21 o filme “O Museu” é resenhado pelo membro do conselho editorial da Folha, Marcelo Coelho e o espetáculo “A Mentira” é resenhado por Bruno Machado. Já na edição do dia 22, Naief Haddad resenha o filme “Excelentíssimos”, por exemplo, focando em obras brasileiras.

8) Crônica

Texto narrativo curto plenamente definido, se tratando de gênero especialmente brasileiro, considerado até um gênero literário, não sendo encontrado na produção jornalística de outros países. Um texto curto que trata de acontecimentos do cotidiano. Com a publicação dos Folhetins (narrativa literária, seriada dentro dos gêneros prosa de ficção e romance), esse estilo se tornou bem difundido consagrando grandes escritores brasileiros como cronistas. Captar com sensibilidade e dinamismo é característica essencial em um cronista, sendo sensível à notícia. Algumas formas de crônica são: geral, local, especializada, analítica humorística e narrativa. Nas edições observadas neste artigo, a crônica, gênero opinativo quase literário, se fez presente apenas uma vez, em “O Patriotismo dos Cachorros”, de Contardo Calligaris, dando a entender que não é a intenção da Folha priorizar esse gênero em todas suas edições, mesmo que este se faça presente em algumas impressões. A crônica é mais comumente observada em sua edição online.

4. CONSIDERAÇÕES

Ao longo das análises realizadas neste artigo, tentamos identificar a função da categoria jornalismo opinativo, dividido em oito gêneros opinativos, a fim de melhor compreender o espaço que os gêneros opinativos ocupam no jornalismo brasileiro atual. Assim, escolhemos duas edições sequenciais da Folha de São Paulo como objeto de estudo, e pudemos concluir que a Folha, mesmo que priorize o jornalismo informativo – como é comum no atual contexto do jornalismo mercadológico e da indústria de notícias – mantém a categoria em posição privilegiada, uma vez que destina parte significativa de suas edições aos mais diversos componentes do jornalismo opinativo e suas

peculiaridades, estando todos ou quase todos os gêneros anteriormente expostos em todas ou em grande parte de suas edições. Por fim, presumimos que essa valorização do jornalismo opinativo pode representar uma preocupação do veículo em dar voz aos seus jornalistas e colaboradores, bem como elucidar as atualidades ao público e oferecer caminhos para o leitor se posicionar e melhor compreender o contexto em que está inserido, ajudando a manter a função inicial do jornalismo, que é de suprir a necessidade social da informação.

REFERÊNCIAS

MELO, J.M. de., ASSIS, F. de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. R. de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 39, p. 39-56, jan./abr., 2016

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª. ed. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. Circulação e audiência. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml?fill=5>> Acesso em: 29 de novembro de 2018.